

Mestiçagem, emigração e mudança em Cabo Verde

*João Lopes Filho**

Resumo: Encontrado desabitado pelos portugueses, no século XV, o processo e as estratégias encontrados para a fixação humana nas ilhas, sua exploração económica e estabilização social no arquipélago de Cabo Verde conduziram à ligação do homem branco (senhor) com a mulher negra (escrava), surgindo o mulato. Terminado o rendoso tráfico e comércio de escravos, os cabo-verdianos foram abandonados e entregues ao seu próprio destino, arcando o mestiço com todas as responsabilidades. Passou, assim, a ser o motor da formação da sociedade cabo-verdiana, na medida em que a sua importante contribuição deu lugar àquilo que, em termos socioculturais, se chamou “o mundo que o mulato criou”. Todavia, os contactos com o exterior acentuaram-se nos finais do século XVIII, com a saída de emigrantes cabo-verdianos rumo aos Estados Unidos da América. Seguiu-se o Brasil e a Argentina, mais tarde a África e, finalmente, a Europa nos meados do Século XX. Portanto, a conjugação de factores como o desequilíbrio ecológico, a emigração, a independência nacional e a acção da comunicação social, aceleraram as transformações socioculturais nesse universo islenho, propiciando alterações com efeitos económicos, consequências sociais e repercussões culturais, que dinamizaram a mestiçagem em Cabo Verde.

Palavras-chave: Cabo Verde, cultura, mestiçagem, emigração, mudança.

Encontradas desabitadas pelos portugueses, no século XV, as ilhas que formam o arquipélago de Cabo Verde viriam a constituir um importante ponto de escala da navegação e comércio entre Europa, África e Américas.

* Professor Catedrático da Universidade Nova de Lisboa, Portugal, e Professor Titular da Universidade de Cabo Verde.

Acontece que na ocupação humana do arquipélago, dois grupos étnicos contribuíram para a formação da sociedade local: o senhor branco europeu e o escravo negro, proveniente da “Costa da Guiné”.

Por isso, no povoamento das ilhas, senhores escravos tiveram de se entender, pois ambos estavam isolados das respectivas pátrias-mães e disso resultou uma convivência, que pode ter sido violenta nas suas emoções e complexa nas suas atitudes, mas que se tornou estável pela força das circunstâncias e tolerância social em que a cabo-verdianidade ganhou força.

Tendo presente que na altura era norma seguirem somente homens para as novas terras, no caso cabo-verdiano os senhores acabaram por ter filhos com as escravas, aspecto que facilitou a interpenetração cultural e proporcionou condições para a formação no arquipélago de uma sociedade baseada na mestiçagem. Outro factor que acelerou a miscigenação foi o facto de as “relações sexuais livres” serem correntes em Cabo Verde, independentemente da origem social e da função ou cargo que cada um ocupava, dado que quase todos tinham as escravas à sua disposição. Acontecia que, mesmo quando o povoador vinha acompanhado da esposa, nada o impedia de ter uma ou mais “amásias” da terra. Refira-se, ainda, que com a aproximação da escrava ao senhor e conseqüente aparecimento de filhos, resultou (muitas vezes) a sua passagem à condição de liberta, subindo, portanto, na escala social.

Neste processo de ocupação e com estratégias encontradas para a fixação, exploração económica e estabilização social, que passaram pela ligação do homem branco (senhor) com a mulher negra (escrava), surgiu o mulato, cujos pais quase sempre perfilhavam e educavam. Foi assim que se processou a ascensão do mulato (que entrou na chamada “sociedade”), vindo este, mais tarde, a suceder ao “branco do reino” nos seus cargos e honrarias. Por tal motivo era considerado socialmente o “branco da terra”, embora etnicamente fosse mestiço e apenas “branco” por condição social.

Se até meados do XVIII Cabo Verde atingiu uma prosperidade económica como consequência de um desenvolvimento especialmente ligado à posição geoestratégica que o arquipélago desempenhava no comércio e navegação que cruzavam o Atlântico, esta situação foi de pouca dura.

Terminado o tráfico e comércio de escravos, os cabo-verdianos ficaram entregues ao seu destino, arcando o mulato com a responsabilidade da evolu-

ção das ilhas, passando, assim, a ser o motor da formação da sociedade cabo-verdiana, na medida em que a sua importante contribuição deu lugar àquilo que, em termos socioculturais, se chamou “o mundo que o mulato criou”.

Da mesma maneira como surgiu um novo elemento na sociedade local (o mestiço), no contexto da interpenetração sociocultural apareceu, também, em Cabo Verde, uma língua (o crioulo) que, pouco a pouco, ganhou raízes e se tornou um dos elementos representativos da sua cultura.

Sendo a língua a expressão e o reflexo da vida sociocultural de um povo, ela estará sempre ligada à prática social e ao sujeito dessa mesma prática. É partindo desse pressuposto que devemos encarar a formação do crioulo cabo-verdiano que, por razões históricas e circunstanciais muito particulares, resultou da urgente necessidade de comunicação entre grupos humanos oriundos de culturas diferentes.

A língua cabo-verdiana nasceu, portanto, da situação experimentada por indivíduos provenientes de várias “nações de gentes”, postas em contacto umas com as outras e longe dos respectivos continentes de origem. Deste modo, o crioulo aparece como resultante das vivências sociais, de uma minoria de europeus com uma maioria de africanos, no isolamento insular.

Apesar de ser falado por todos os cabo-verdianos, durante muito tempo se defendeu que o crioulo era um simples “dialecto”, utilizando este termo num sentido quase sempre pejorativo e num discurso que decorria mais de uma situação político-ideológica do que linguística, na medida em que a potência colonial visava expandir a cultura portuguesa nos seus domínios ultramarinos

Neste sentido, teve com aliada a Igreja Católica, que além da transmissão e difusão dos valores morais, espirituais e culturais do cristianismo, tinha a seu cargo o ensino das primeiras letras e, mais tarde, a formação secundária. Esta filosofia conferiu ao clero uma grande influência sobre a população cabo-verdiana, a qual, no decorrer do tempo, produziu os seus efeitos, conduzindo a uma ampla difusão da língua portuguesa (através da catequese, dos actos religiosos, do sermão e do ensino).

Deste modo, ao longo dos séculos, as influências da potência colonial foram se instalando em Cabo Verde, ao mesmo tempo que decorria o processo de formação de uma nova sociedade. Apesar de a força colonizadora conti-

nuar a tentar enterrar as suas raízes, ao investir no ensino procurava contrair (até mesmo proibir) a nova língua, esta se instalou e espalhou-se pelos diferentes estratos sociais do arquipélago.

Portanto, os resultados não foram os desejados porques apesar de o ensino ser ministrado em português, mal os alunos atravessavam a porta da escola começavam a conversar em crioulo, visto ser a língua em que sempre se entenderam com os “amigos de brincadeiras”, com os pais, familiares, vizinhos, ou seja, aquela que utilizam no seu dia-a-dia.

Desta forma, o idioma, inicialmente de recurso, foi se aperfeiçoando e ganhando bases sólidas. Mesmo enfrentando todas as tentativas castradoras, face à íntima convivência entre os portugueses e o crioulo no arquipélago, é corrente considerar-se o cabo-verdiano bilingue, ressaltando-se, contudo, que o *bilinguismo* não abarca a totalidade da população.

Como Portugal tinha falta de gente para povoar as terras que pretendia explorar (e porque Cabo Verde estava mais próximo da antiga metrópole), a determinada altura tentou fazer desse arquipélago um prolongamento do sistema administrativo da potência colonizadora.

Desta forma procurou, através do ensino, facilitar a formação do cabo-verdiano, o que originou o desenvolvimento de uma sociedade mista, mas fortemente orientada culturalmente pela Europa, depois da criação de um Seminário-Liceu que tinha por funções preparar elementos para a vida eclesiástica e de quadros para a administração pública ultramarina.

No entanto, uma vez escolarizados, os cabo-verdianos começaram a valorizar mais a sua terra, com um gradual interesse pela cultura geral, artes e letras, situação que favoreceu marcadamente o aparecimento dos primeiros escritores locais.

Influenciados por uma *formação europocentrista*, na primeira fase procuraram seguir os moldes dos grandes clássicos portugueses. Contudo, evoluíram numa perspectiva de assunção de um sentimento regionalista que, passando por várias e diferentes etapas (a mais importante terá sido a publicação da revista *Claridade*), convergiu no propósito de incentivar o interesse pela terra, defendendo o cabo-verdiano como entidade social e cultural. Dedicando-se essencialmente ao estudo da realidade sócio-económico-cultural do arquipélago, a literatura cabo-verdiana atingiu contornos próprios.

Para além da miscigenação, ocorreu também uma interpenetração dos elementos culturais oriundos das diferentes etnias, com incidência em várias áreas. No caso da alimentação, por exemplo, como o homem não se desapega facilmente das suas raízes (mesmo as alimentares), ao instalar-se num arquipélago desabitado e sem os produtos a que estava tradicionalmente habituado, o povoador tentou solucionar as carências relacionadas com a respectiva alimentação, adaptando-se aos produtos da terra e ao gosto pelas novas espécies que nela iam sendo introduzidas, trazidas tanto da Europa, como das novas terras a que os portugueses aportavam. Esta fase aconteceu quando para Cabo Verde foram levadas sementes e novas plantas (com as quais, quase que em regime laboratorial, fizeram experiências), que ao vingarem permitiam-lhe o acesso a outros produtos, que eram ali aclimatados antes de seguirem para as novas terras descobertas, bem como no percurso inverso.

Entre as espécies experimentadas em Cabo Verde destacou-se o “milho mais”, trazido da América, que se adaptou bem às condições geoclimáticas do arquipélago, desde logo se tornando o elemento básico do regime alimentar caboverdiano e facilitando, deste modo, o povoamento e desenvolvimento das ilhas. Assim, à medida que avançavam os contactos dos navegadores com as várias regiões do globo, foram introduzidas novas espécies vegetais, que pouco e pouco se incorporavam na dieta alimentar local.

Devido à irregularidade fluviométrica no arquipélago, dentre as espécies introduzidas, foi (como referido) o milho a que melhor se adaptou, mas como este se revelava insuficiente para uma alimentação equilibrada, passou a ser acompanhado por feijão, mandioca, batata-doce, etc., na confecção de pratos da dieta local. Neste quadro alicerçou-se todo o regime alimentar caboverdiano, vindo a confirmar que a adaptação e conjugação dos elementos provenientes de culturas diferentes se harmonizou, adquirindo, todavia, um contexto próprio que traduz toda a gastronomia cabo-verdiana.

Se remontarmos ao período de povoamento das ilhas, verificaremos também a importância da religião de que o europeu foi portador, quando da ocupação humana do arquipélago, porque eram os sacerdotes católicos que davam a assistência cultural, difundindo não só a fé cristã, mas também o ensino. Aos escravos eram, ainda, impostos os valores morais e religiosos dos senhores, embora no íntimo continuassem a viver de acordo com os seus rituais no campo do simbólico. O colonizador tentava, portanto, castrar toda e qualquer mani-

festação sócio-cultural que não fosse a europeia, procurando travar atividades religiosas que não fossem as cristãs, mas mesmo às escondidas, os escravos mantinham as suas raízes, ocultando a prática dos seus rituais.

Com o aparecimento do mulato, que recebeu influências das duas vertentes étnico-culturais (africana e europeia), da mesma forma assimilou infor-
mação religiosa ministrada tanto pelo branco, como pelo negro, dois sistemas que em contacto acabaram por se misturar, confluindo a pouco e pouco para o sincretismo religioso patente nas manifestações cabo-verdianas.

Entra-se, assim, num campo que apresenta a adaptação do cristianismo mesclado de rituais, superstições, práticas e credences, que encontraram espaço para se manifestarem lado a lado nas tradicionais romarias, procissões, nos dias dos oragos das freguesias, das festas de santos populares, etc.

Dado que, desde sempre, no arquipélago, se verificaram grandes problemas e preocupações no dia-a-dia, estes ilhéus encontraram na música, quase sempre acompanhada pela dança, uma maneira de aliviar as suas tensões, servindo-se para tal de vários gêneros musicais que comportam influências europeias e ritmos africanos. Por isso, a dança também detém um lugar de destaque na ocupação dos tempos livres e era habitual, ao fim de semana, organizarem bailes abrilhantados pelas orquestras de *pau e corda* (compostas pela rabeca, violão, cavaquinho e viola), nas quais se divertiam conjuntamente jovens de todas as camadas sociais.

Ao longo dos tempos, Cabo Verde viveu essencialmente da agricultura, cuja produção se encontrava dependente de um regime pluviométrico irregular que comanda a possibilidade do cultivo e o sucesso das produções. Quando não chove o bastante para que da agricultura se retire o suficiente para a alimentação, surgem problemas graves no campo da economia cabo-verdiana. Aliado a esta situação surge o facto de a população apresentar aumentos demográficos quase explosivos, causando um acentuado desnivelamento entre os postos de trabalho disponíveis e o excesso de mão-de-obra, que estimula a emigração.

Daí que, se por um lado a formação de uma sociedade com base escravocrata marcou parcialmente a constituição social e cultural de Cabo Verde, por outro lado as condições edafo-climáticas impuseram uma instabilidade económica à população local, aspectos que juntamente com a pouca oferta de trabalho estão na origem do fenómeno migratório, que representa um dos tra-

ços fundamentais do processo evolutivo do País. Por tudo isso, a emigração entronca na própria origem e formação da sociedade cabo-verdiana, fazendo mesmo parte do seu imaginário, pois está também presente na tradição oral, na música, na literatura, etc., como características marcantes deste povo.

Desta forma, o cabo-verdiano tornou-se um potencial emigrante num contexto ampliado pela circunstância de o arquipélago servir como ponto de escala nas comunicações marítimas e aéreas entre três continentes (Europa, África e América), não só aliciando-o com as novidades que chegam do exterior, como aguçando-lhe a curiosidade de saber o que está para além da linha do horizonte. Este fator conjugado com uma economia de subsistência, a explosão demográfica e a carestia acentuada em épocas de crise, funcionam como catapulta para a escolha da via migratória na busca de melhores condições de vida.

Como consequência do quadro geral da debilidade económica das ilhas (motivado por sucessivas crises de falta de chuvas regulares, juntamente com a pressão do crescimento acelerado da população), também aconteceram, inicialmente, deslocamentos dos elementos mais carenciados das zonas rurais do interior para os pólos urbanos do litoral, com maior capacidade de absorção da mão-de-obra antes destinada à agricultura. Seguiram-se migrações inter-ilhas, em direção àquelas que possuíam melhores potencialidades económicas, até se chegar à emigração rumo ao estrangeiro.

Contudo, os contactos com o exterior acentuaram-se nos finais do século XVIII, com a saída dos emigrantes cabo-verdianos com destino aos Estados Unidos da América. Depois foi o Brasil e a Argentina, mais tarde a África (Senegal, S. Tomé e Príncipe e Angola) e, finalmente, a Europa (Portugal, Itália, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, França, Alemanha, Espanha e países nórdicos).

Registre-se que a Europa não constituía um destino tradicional dos emigrantes cabo-verdianos, mas devido às devastações da II Grande Guerra que deixaram alguns países europeus bastantes depauperados de braços para a reconstrução findas as hostilidades, alteraram-se os rumos das correntes anteriores tentando colmatar esse espaço.

Foram, portanto, diversos os destinos escolhidos ao longo dos tempos pelas correntes migratórias cabo-verdianas, mas também diferentes as repercussões sentidas no arquipélago. Mas a emigração para os EUA tinha sido do tipo de “longa duração”, na medida em que só regressavam às ilhas depois de

atingida a reforma e neste caso suas influências em Cabo Verde foram apenas na área econômica, através das remessas regularmente enviadas aos respectivos familiares.

No entanto, o caso da emigração para S. Tomé e Príncipe (África) poderá ser considerada como aquela que traduziu apenas efeitos negativos, visto que, para além da descarada exploração da sua força de trabalho por parte dos antigos donos das roças, regressavam a Cabo Verde sem dinheiro e carregados de doenças tropicais que dantes não existiam nas ilhas.

Estamos a crer que a emigração para a Europa foi a que mais transformação provocou na sociedade cabo-verdiana. Excluídos os casos de Portugal e Espanha, em que estes emigrantes ocupam quase sempre os postos de trabalho que os naturais desses países não querem, verifica-se que foram marcantes as influências dos “torna-viagem” como factores de mudança sociocultural em Cabo Verde.

Salienta-se que, normalmente, eram as camadas mais desfavorecidas da população (constituídas por trabalhadores sem qualquer formação profissional) que forneciam maiores contingentes de emigrantes, mas na segunda metade da década de cinquenta do século passado começaram a emigrar, também, elementos oriundos de todos os estratos sociais, que assim puderam desempenhar tarefas melhor remuneradas em países como a Holanda, Bélgica ou Alemanha, enquanto que para a Itália seguiram principalmente jovens do sexo feminino que iam servir nas casas da média burguesia local.

Embora Portugal (país do qual Cabo Verde dependia) servisse como placa giratória para os cabo-verdianos que se dirigiam para a Europa, as “migrações maciças” para este país só se iniciaram em meados da década de sessenta, quando as entidades oficiais apadrinharam o encaminhamento de vários contingentes de trabalhadores, com vista a colmatarem a escassez de braços que aí se fazia sentir, motivada não só pelo elevado número de militares deslocados para as três frentes de combate nas antigas colónias portuguesas em África, como, também, devido à forte emigração (a salto, clandestina) para a França e Alemanha.

São, portanto, os emigrantes que se instalaram em outros países europeus que (nas suas deslocações à terra natal por altura das férias) mais significativamente têm dinamizado Cabo Verde, pois impulsionaram a atividade económico-social das ilhas, em nível das remessas enviadas, da massa monetária

ria em circulação, através dos investimentos na aquisição das terras, construção de habitações, transportes pessoais e melhoria das condições de vida dos seus familiares.

Para além do aumento do poder econômico, no contato destes emigrantes com a Europa democrática proporcionaram-lhe maior abertura política, acesso à liberdade de expressão (que não havia na sua terra por causa do regime colonial e, depois, do partido único) e o convívio com o progresso, aspectos que tentaram adotar como sinal de ascensão a um estatuto social superior, ao assimilarem outros procedimentos e usanças. Por isso, ao regressarem às suas terras transportam consigo novos hábitos, comportamentos e valores, que são imitados pelos seus concidadãos (principalmente jovens, que quase sempre aderem às inovações).

Os fatores que concorrem para que muitos cabo-verdianos sejam atraídos para a emigração, centram-se nos novos estilos de vida (são em parte de carácter psíquico ou afectivo) e têm a ver com o desejo de “prestígio” ou de “posição mais elevada” dos concidadãos. Assinale-se o facto de que, nas suas visitas em férias, o “torna-viagem” procura exhibir bons e actualizados apetrechos, pretendendo mostrar um potencial êxito à sociedade local, que, de certa forma, os toma como modelo a seguir. Assim, o emigrante que regressa com aspecto de sucesso (materializado no seu vestuário, alimentação, novos tipos de lazer e no conforto da sua habitação), passa a ser considerado figurino do bem-vestir, da boa alimentação, do bem-estar, etc. Porém, esta nova sociabilidade tem diluído as diferenças rurais/urbanas, pois as remessas regulares de dinheiro contribuem para um certo nivelamento econômico (pelo menos exterior) entre a população.

Além do “torna-viagem”, o cabo-verdiano (em especial os mais jovens) encontra modelos ou procura imitar imagens que lhe chegam através dos “mass media”. Com efeito, a divulgação proporcionada pelos meios de comunicação social (sobretudo cinema, televisão e vídeo) expande as novidades transmitidas pela publicidade. Por isso, a juventude, como elemento naturalmente mais permeável, adota rapidamente os modelos europeus e norte-americanos no vestuário (o uso da ganga e do blusão negro, da roupa unissex, do fato de treino, da T-shirt e dos adornos de metal e plástico), na alimentação (novos pratos e bebidas como whisky, gin, cerveja e vinho) e nos tempos livres (televisão, giradiscos, vídeos e a leitura).

Ainda no âmbito das modas, generalizou-se facilmente entre as mulheres de todas as classes sociais o uso de calças, mini-saia, saltos altos, maquilagens e fatos de estilos atualizados; a maior parte deixou de trazer lenço à cabeça e passou a ir ao cabeleireiro; difundiram-se os cosméticos industriais para o rosto e pele, loções, etc., bem como vestuário do “último figurino” em ocasiões solenes e festivas (Alterações, atualizações, mudanças de uma sociedade em evolução).

Quanto à ocupação de tempos livres, o aparecimento da televisão alterou alguns hábitos locais, pois em vez de os homens irem para as tascas conversar, jogar e bebericar, ficam em casa. Deu-se a passagem do convívio num espaço aberto (o largo) para um espaço fechado (o interior da casa), até porque, também as mulheres deixaram as habituais conversas com as vizinhas enquanto remendavam as roupas, sentadas às soleiras das portas, passando a assistir às telenovelas.

Acompanhando o progresso, as antigas orquestras de *pau e corda* foram substituídas por instrumentos electrónicos. Apareceram as bandas musicais e, por influência dos emigrantes, divulgaram-se nos meios rurais o gira-discos e o gravador, que passaram a fornecer música para os convívios. Mais recentemente a valorização dos meios audiovisuais deram lugar a outra forma de sociabilidade e as discotecas que contagiam especialmente a juventude, ao mesmo tempo que difundem novas músicas, novos ritmos, novas danças e novas imagens.

As atuais modificações registradas na alimentação resultaram de uma conjugação entre as alterações impostas pelo desequilíbrio ecológico e o papel que tiveram a emigração e a comunicação social, na medida em que estas estimularam a alteração das dietas, levando à importação de novos produtos. As secas foram, em grande parte, também responsáveis pelo fato de os combustíveis vegetais serem substituídos pelo petróleo, gás e eletricidade (todos dependentes da importação). Todavia as remodelações na utensilagem, nomeadamente o uso de electrodomésticos, são devidas especialmente à influência da emigração para a Europa, através da melhoria das possibilidades económicas das famílias.

Os artigos importados para colmatar a escassez da produção local permitiram uma maior variedade de alimentos disponíveis e, portanto, a diversificação das ementas, em que, por exemplo, o milho é substituído pela batata, arroz ou massa e a banha de porco pelas margarinas ou óleos vegetais. Convém, neste caso, referir que o “torna-viagem” divulgou em Cabo Verde o maior uso de saladas, outrora arredadas dos hábitos alimentares da população.

Dada a sua capacidade de adaptação a diferentes meios e a manifesta predisposição do cabo-verdiano para conviver com os mais diversos povos, estabeleceram-se as linhas-mestras de um processo aculturativo, cujas influências na sociedade cabo-verdiana se podem considerar notórias. Quer os meios de comunicação social, quer os contactos com outras culturas (através da emigração e mais recentemente com os turistas), têm modificado hábitos e comportamentos do cabo-verdiano. Dir-se-ia, em resumo, que a conjugação de factores como o desequilíbrio ecológico, a emigração para a Europa, a independência nacional e a acção da comunicação social, aceleraram as transformações socioculturais em todo o universo cabo-verdiano, propiciando alterações com efeitos económicos, consequências sociais e repercussões culturais, que constituem a evolução do denominado processo da mestiçagem em Cabo Verde.

Résumé: Découvert inhabitées par les portugais au XV siècle, le processus et les stratégies pensées pour la fixation humaine sur les îles, leur exploitation économique et leur stabilisation sociale dans l'archipel du Cap Vert ont conduit à une liaison entre l'homme blanc (maître) et la femme noire (esclave) qui a fait surgir le mulâtre. Achevé le fructueux trafic, de commerce d'esclaves, les Cap-Verdiens ont été abandonnés à leur propre sort. Avec le métisse devant en assumer toutes les responsabilités. Ainsi il devint le moteur de la formation de la société Cap-Verdienne, dans la mesure où, son importante contribution a donné naissance à ce qu'il est convenu d'appeler en termes socioculturels le monde que le mulâtre a créé'. Cependant, les contacts avec l'extérieur se sont accentués à la fin du XVIII siècle avec le départ des émigrants Cap-Verdiens en direction aux Etats-Unis. Ce fut ensuite le Brésil, l'Argentine et plus tard l'Afrique et finalement l'Europe dans la moitié du XX siècle. Par conséquent la conjugaison de facteurs tels que le déséquilibre écologique, l'émigration, l'indépendance nationale et l'action de la communication sociale ont accéléré les transformations socioculturelles dans cet univers insulaire. Favorisant ainsi des changements à effets économique, des conséquences sociales et des repercussions culturelles qui ont dynamisé le métissage au Cap-Vert.

Mots-Clés: Cap-Vert culture, métissage, émigration, changement.

BIBLIOGRAFIA

- LOPES FILHO, João - *Retalhos do quotidiano*. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.
_____. *O corpo e o pão*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1997.

_____. *Introdução à cultura cabo-verdiana*. Praia: Instituto Superior de Educação, 2003.

_____. *Imigrantes em terra de emigrantes*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2007.